elebu

n°19
janeiro de 2007

MARCELO MENDES

O amadurecimento
de um compositor
(que você precisa conhecer)

Sensibilidade e arte na fotografia de Ricardo Koctus

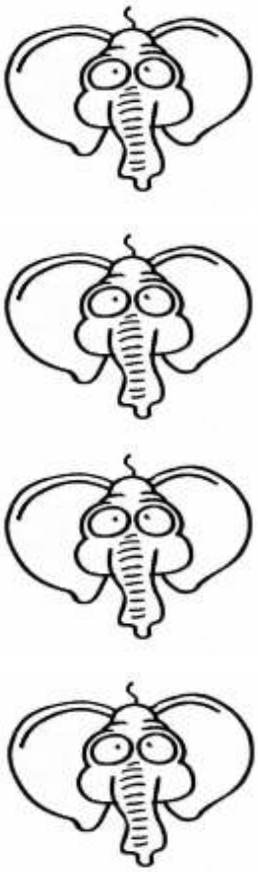
Elefante Bu de novo visual e novos colunistas

O ano começou com uma notícia interessante. O Vaticano vai montar um musical inspirado no livro *A Divina Comédia*, de Dante Aligheri, uma das obras mais importantes e influentes da história da humanidade. A peça deve estrear no segundo semestre em algum grande teatro de Roma. O que já se sabe a respeito dela são os ritmos que vão dar o tom de cada passagem. Enquanto o paraíso e o purgatório terão cantos lírico e gregoriano, no inferno, a trilha sonora é jazz, pop, punk e heavy metal. Oras, tudo que provoca sentimentos tão febris nas pessoas, que faz jovens vestirem de preto, pularem feito alucinados, fazerem chifres com os dedos e sacudir a cabeleira (até dar uma bela dor no pescoço), só pode ser coisa do diabo. Mas eu discordo.

Ok, não dá para imaginar Joey Ramone cantando *I Wanna Be Sedated* para São Pedro. E nem uma festa celestial animada por pelo menos seis músicos de jazz fazendo um som tão dançante e estimulante. Isso é pedir para que anjos e arcanjos fiquem tentados a cometer algum pecado. Nem mesmo gente como Beethoven ou Mozart devem aparecer por lá. A música deles, apesar de sinfônica, desperta emoções fortes. O paraíso deve mesmo ser lugar para valsinhas e sinfonias suaves!

O único porém dessa lógica do Vaticano é que faz do inferno ser o lugar mais divertido. Já não basta ser a parte mais interessante e engraçada do livro de Dante, e ainda terá a melhor música? Isso faz o paraíso parecer um lugar de pasmaceira. Eu é que não quero ir pra lá. Vou mandar uma carta para o Vaticano com algumas sugestões. Um inferno de verdade teria a Celine Dion cantando a música do Titanic seguidas vezes. Teria funk carioca e aqueles raps chatos de gente que não tem noção do que fala, teria música de elevador e as cantoras que só gemem, miam e rebolam. Colocaria nos domínios de Satanás tudo aquilo que gera pasmaceira e comodismo. Paraíso é lugar de boa música, de ação e trabalho constantes. E o jazz só é "infernal" porque é muito bom.

E que esse ano possa ser cheio de ações, questionamentos e música boa. Que deixemos de lado toda a pasmaceira dos infernos que vivemos no ano passado. Está na hora de deixar velhas ideologias e pensar em algo realmente novo.



editorial & expediente

ELEFANTE BU N° 19

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto: Silvia Biehl - Photoshop: Djenane Arraes

REVISÃO:

Daniela Casarotto

COLABORADORES:

Brunno SV, Washington Ribeiro, Georgiana Calimeris, Leonardo de Moura e Gizza Machado

AGRADECIMENTOS:

Rita Maria Felix, Cleber Aragão, Ricardo Koctus, Felipe Gurgel, Marcelo Mendes, José Anezio

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Somewhere over the rainbow/What a wonderful world. Não sei quem é dono dessa versão. A primeira vez que a ouvi foi no episódio de E.R que o dr. Greene morre. Chorei pra caramba no final... Bom, o fato é que corri para baixar a música no e-mule e veio interpretes diferentes creditados para a mesma versão: Harry Nilsson, Harry Bellafonte e Israel Kamakawiwo'ole. Se você sabe quem é o dono, por favor avise! Essa música foi tocada seguidas vezes enquanto diagramava e editava o zine. As outras foram: *Hey Beautiful*, The Solids; *Sintonia*, Ludov; *Sacarina*, Érika & Telecats. Algumas coisas de Marvin Gaye, Aretha Franklin e James Brown. Muita Adriana Calcanhoto (o projeto de músicas infantis) e Lilly Allen (que é um pop gostozinho de escutar).

APOIO:

porãoweb.com.br

Capa:

Marcelo Mendes

Pato Fu:

Fotografias de Ricardo Koctus

Porão Web:

Um dia de fã na passagem do U2 pelo Brasil

Para ver, ler e ouvir:

Cordel do Fogo Encantado
Marcelo Mendes & Os Bacanas
The Solids
La Oreja de Van Gogh
Joanna Newsom
Arnaldo Antunes
Uma Verdade Inconveniente
O Senhor das Armas
José Anezio Fernandes do Vale

Colunista da edição:

Felipe Gurgel

Assim disse Brunno:

Complexo de Dory

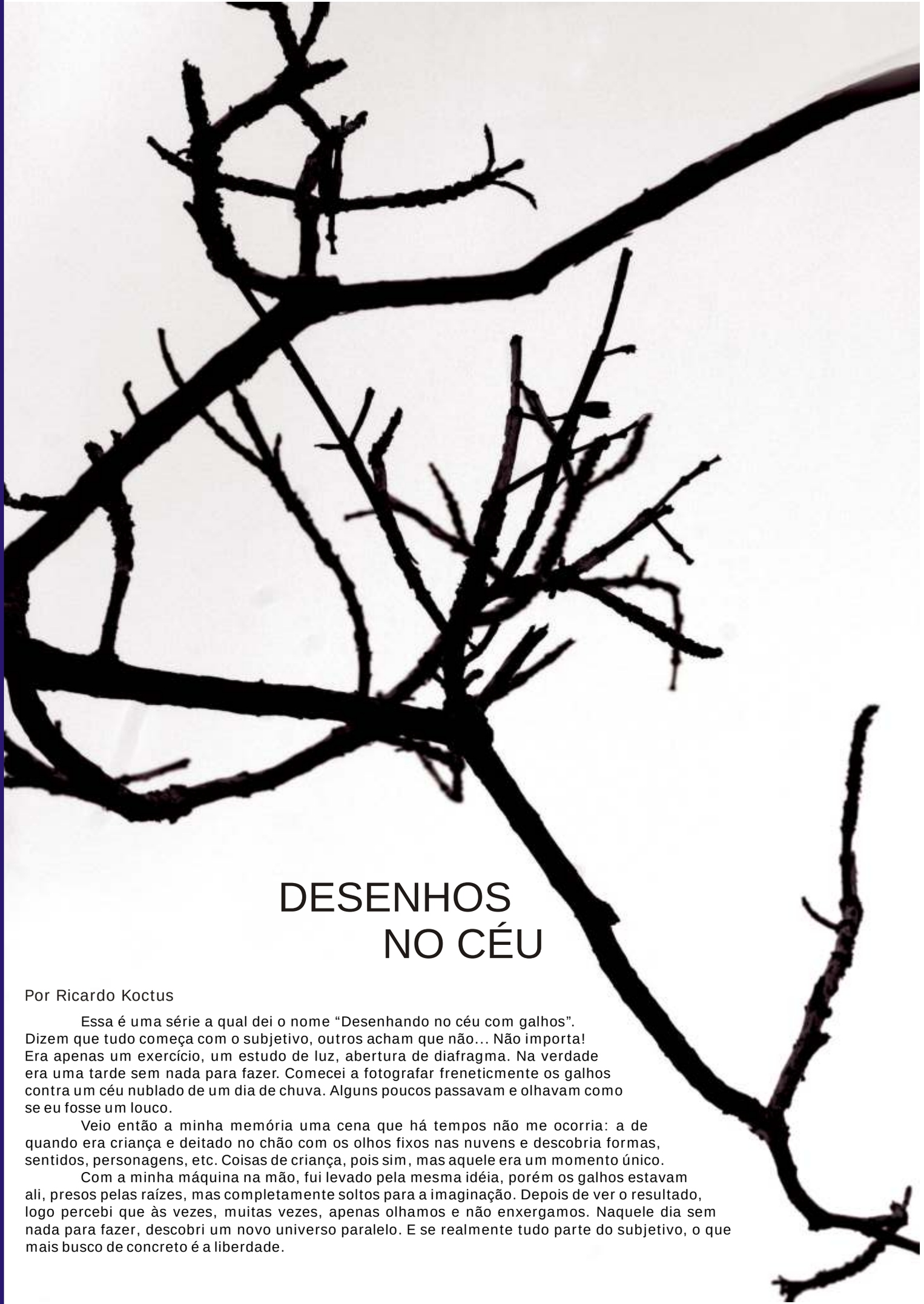
O Guia:

Rita Maria Félix
Georgiana Calimeris
Gizza Machado

Mundo Geek:

Batman Begins
How I Met Your Mother
Planetary

sumário



DESENHOS NO CÉU

Por Ricardo Koctus

Essa é uma série a qual dei o nome “Desenhando no céu com galhos”. Dizem que tudo começa com o subjetivo, outros acham que não... Não importa! Era apenas um exercício, um estudo de luz, abertura de diafragma. Na verdade era uma tarde sem nada para fazer. Comecei a fotografar freneticmente os galhos contra um céu nublado de um dia de chuva. Alguns poucos passavam e olhavam como se eu fosse um louco.

Veio então a minha memória uma cena que há tempos não me ocorria: a de quando era criança e deitado no chão com os olhos fixos nas nuvens e descobria formas, sentidos, personagens, etc. Coisas de criança, pois sim, mas aquele era um momento único.

Com a minha máquina na mão, fui levado pela mesma idéia, porém os galhos estavam ali, presos pelas raízes, mas completamente soltos para a imaginação. Depois de ver o resultado, logo percebi que às vezes, muitas vezes, apenas olhamos e não enxergamos. Naquele dia sem nada para fazer, descobri um novo universo paralelo. E se realmente tudo parte do subjetivo, o que mais busco de concreto é a liberdade.

Nesse dia experimentei um prazeroso lapso de visão que só é permitido aos loucos, as crianças, àqueles que têm as raízes fincadas no espaço, o obturador em velocidades variáveis, o diafragma aberto no limite, o ISO ao máximo para captar toda a luz, ruído, movimento, cor, preto, branco, tudo e nada.

Conheça mais do trabalho fotográfico de Ricardo Koctus na página oficial do Pato Fu e no site www.flickr.com/photos/koctus

ESTRANGEIRO

no seu próprio país

Texto: Djenane Arraes
Fotos: Silvia Biehl

A primeira vez que ouvi Marcelo Mendes falar que era um estrangeiro no próprio país, foi há quase dois anos. Fui na casa dele entregar uma cópia do primeiro número do Elebu dessa fase atual. Marcelo havia colaborado com resenhas de discos e, na época, estava iniciando um projeto chamado *Marcelo Mendes e Os Bacanas*. Ele mostrou, na ocasião, duas músicas (*A Juventude*, e *Um Homem, Uma Mulher*) e disse que seus objetivos com aquele trabalho era fazê-lo circular e criar suas composições. As músicas traziam forte influência da jovem guarda porque o negócio era pegar algo velho e radicalizar, em especial nas letras.

Hoje o fanzine Elefante Bu tem o prazer de anunciar o primeiro disco desse projeto, *Mendes, Marcelo*, que é lançado neste mês pelo selo Alvo com produção de Harrisson Azevedo e Marcelo Mendes e mixagem de Marcelo Birck (ver a crítica na sessão de discos). São 12 faixas gravadas entre 2005 e 2006, que incluem as duas canções apresentadas há dois anos e que foram elogiadas por Fernando Rosa e Gabriel Thomaz. O disco também traz a citação que tornou-se emblemática: "eu quero ser um estrangeiro em meu próprio país". Além de Marcelo, que faz o vocal e toca guitarra, a banda (Os Bacanas) que participou das gravações foi formada por Eric Smitchel no baixo, Roberto Lima na bateria, e Valéria Smitchel no vocal.

O disco *Mendes, Marcelo* não segue tendências. Ele foi idealizado por um "estrangeiro" que faz as pessoas cantarem ao ritmo do bom e velho iê, iê, iê. As letras são inteligentes, felinas e radicais até, assim como era um dos objetivos. Elas também apresentam a maturidade de um compositor que está há muitos anos fazendo da música o melhor de todos os hobbies.

Além do disco *Mendes, Marcelo*, aproveite o single de Marcelo Mendes e os Bacanas, *Viagem*, lançado com exclusividade pelo fanzine Elefante Bu. A música é uma versão de Odair José com produção e mixagem de Harrisson Azevedo e co-produção de Marcelo Mendes.

Fale com Marcelo Mendes no endereço warcelowendes@gmail.com

Elefante Bu - Você começou a pensar nesse disco quando ainda estava em Brasília e vai lançá-lo em Florianópolis. Ainda por cima há pessoas de lugares diferentes que participou dele de alguma forma. Como é que aconteceu todo esse processo de gravação do disco? O que eu sei é que ele demorou bastante para sair.

Marcelo Mendes - O processo de gravação foi caótico. Quase três anos entre os primeiros ensaios e a finalização. O problema é que o disco contou com a colaboração de um monte de gente, e todo mundo se dispondo a participar e até mesmo a gravar de graça. Então a gente dependia de horários, disponibilidades... Primeiro gravamos a bateria num estúdio normal, depois o Harrisson (guitarrista do Super Stereo Surf) forneceu o estúdio dele de graça pra gente gravar todo o resto. Daí, entre juntar baixista, vocalistas, tecladistas e tudo mais, foi um parto. Mas rolou e acho que chegamos a um resultado bacana dentro das restrições. Com o material gravado, a gente começou a mixar e os resultados não estavam muito bons. Foi então, conversando com o Marcelo Birck, que estava morando em Goiânia na época, que pensei: "ah, por que não chamá-lo pra mixar?". Eu tinha conversado com ele antes pra produzir o disco, mas não rolou por problema de agenda. Ele ouviu os primeiros mixes e começou a dar palpites e eu: "espera aí, por que você não faz isso?". Ele topou fazer o que a gente passou a chamar de "mixagem conceitual". É quase uma pós-produção. Eu acho que isso foi definitivo para o resultado que está aí. De cara, a gente reconhece o que ele trouxe para o som, saca? O disco tomou um rumo inesperado por causa dele. Eu acho que ficou muito melhor do que a gente esperava, sabe? Além disso, a gente fez tudo com várias restrições, inclusive financeiras, e acho que o resultado não mostra isso.

Elebu - Que tipo de direcionamento o disco estava tomando antes do Birck?

Marcelo - Eu e o Harsso, como produtores, estávamos meio perdidos e não conseguimos captar bem o que eu queria. Eu queria desconstruir mais as músicas, mas a gente estava indo num sentido meio pop, muito certinho, por pura falta de experiência. Então, o Birck assumiu e matou a pau. Depois, sentamos e fizemos a mixagem final: eu dando idéias e tentando enfiar ainda mais o pé na jaca. Esse processo durou todo o ano de 2005, porque estava morando em Brasília, e o Birck estava de mudança de Goiânia para Florianópolis. Então, imagina... A gente sentou pra finalizar no começo desse ano. Aí, enrola daqui, enrola de lá... O Gustavo Dreher masterizou.

Elebu - Quem acompanha o seu trabalho há algum tempo consegue perceber uma mudança de estilo entre a Vaca Magra, que prezava mais a velocidade, e os Bacanas, que parece mais com uma jovem guarda evoluída. Por que parece que quando a gente vai ficando mais velho, vai tendendo mais para as baladas, para as músicas mais tranqüilas?

Marcelo - Ah, eu não acho que houve uma mudança muito grande. É mais no que diz respeito a execução, sabe? O jeito da banda tocar. Em essência, acho que as músicas continuam as mesmas. Eu acho que tem uma certa coerência em tudo que fiz nesse tempo todo. É diferente, mas é igual. O que muda é a experiência de compor, o que eu sabia de música e o que sei agora, as parcerias... Mas acho que o lance está lá desde o princípio - a influência dos Beatles, dessa sonoridade anos 60, que você chamou de jovem guarda evoluída, entre outras obsessões. Em outras palavras: eu que continuo o mesmo, mas em 33 rpm. Quanto as baladas, acho que não tem idade. Sempre gostei e sempre tentei compor coisas assim, mas nem sempre tinha espaço na soridade das bandas em que toquei. Agora tenho um pouco mais de autonomia de fazer o que quero sem muito compromisso e com mais controle sobre o resultado final.

Elebu - Nós sempre tivemos debates a respeito dessa influência do rock gaúcho. Mas diz sinceramente: você é ou não é influenciado pelos músicos do Sul?

Marcelo - Ah, mas esse lance do rock gaúcho é uma sina, sabe? Eu acho mesmo que sempre fiz um som como o que faço hoje e, claro, encontrei afinidades com as coisas que começaram a aparecer no Sul em determinado momento. Pra você ter uma idéia, o disco da Júpiter Maçã, o primeiro, é de 1996 e a gente regravou uma música dele no ano seguinte ainda como Vaca Magra (a demo chama *Fliperama Morfonauta - uma estranha aventura interplanetária*, 1997). Quer dizer, é possível dizer que somos contemporâneos. A gente gravou a música de um artista novo, não consagrado. E sempre fomos fora de moda em Brasília porque nossas influências passavam longe dos anos 80 e do hadcorezão. Até que apareceu uma geração de bandas que tinham alguma afinidade e, de repente, a coisa se inverteu. Houve quem pensasse que estávamos entrando na onda, copiando não sei quem, não sei das quantas. Mas a gente estava fazendo a mesma música do começo, saca? As coisas é que mudaram. De qualquer forma, eu tenho que admitir a influência de uma banda: a Little Quail. Acho que era uma das poucas unanimidades no Superego Elvis. Mas a gente pode sempre falar do lance do Sul... Não posso deixar de citar o Birck e o Blessmann como influências, tanto musicais, como pessoais. Os Atonais foi uma coisa de louco, bem como as músicas inéditas que o Blessmann me passou na hora de gravar o disco - ele me passou umas 20 músicas inéditas e disse: pode gravar o que quiser. Difícil foi escolher. Só músicão. No final, gravei *Junto Ao Seu Coração*, que está também no primeiro single solo do Leandro, que saiu pelo Senhor F Virtual.

Elebu - Você começou a gravar disco com os "bacanas" de Brasília e agora está fazendo show com os "bacanas" de Florianópolis. Como é que fica essa relação com novos músicos, diferentes cidades, mesmo trabalho?

Marcelo - Deixa eu contar a história: o começo de tudo. Estava ainda morando em Florianópolis, pela primeira vez, quando compus a maioria das músicas que estão nesse CD - acho que só uma eu compus quando ainda morava em Brasília. Então, quando voltei, comecei a chamar um pessoal pra gravar comigo. Era pra ser uma coisa meio Roberto Carlos e eu encarava como um projeto solo. O lance ia ter meu nome e acabaria aí, na gravação do disco. Mas a banda ficou tão boa e tínhamos tanta

afinidade, que resolvi incorporá-la, daí o “Marcelo Mendes e Os Bacanas”. Além disso, rolou um show na noite Senhor F, porque o Fernando tinha ouvido algumas coisas que tínhamos gravado e nos convidou. Todo mundo que chamei já tinha tocado comigo em outros projetos e todo mundo gostava e tinha as mesmas referências que trouxe, apesar de nunca termos antes parado pra fazer esse som. No fim, ficou som de banda, de conjunto. Mas o fato de eu ter colocado meu nome na banda, e a vantagem disso, pra mim, tinha a ver com ambigüidade. Eu queria um projeto portátil, sabe? Porque não sabia até quando ia ficar em Brasília, se ia ficar, etc. Isso serve pra todo mundo da banda - o Roberto, o baterista que gravou o disco (e que tocava no Super Stereo Surf), por exemplo, voltou pra sua terra natal, o Rio Grande do Sul, a Valéria (vocal) é de Fortaleza, sempre havia o risco de voltar.

Elebu - Mas quem são “Os Bacanas”?

Marcelo - Como projeto portátil, acho que Os Bacanas podem ser todas as pessoas que se dispõem a tocar comigo. Bacana é todo mundo que não sou eu (o que faz de mim o oposto de bacana, um otário). Então, explicando como ficam Os Bacanas, eu diria que eles são a banda. No último show que fiz em Brasília, no projeto *Senhor F na Escola*, o lançamento do disco *Terceira Onda*, fiz com parte dos Bacanas que gravaram o CD, mais o Harsso (do Super Stereo Surf), na guitarra, e o Leo, do Gram Turismo (com quem toquei a minha vida inteira na Vaca Magra e na Superego Elvis).

Elebu - Não é segredo que sou uma admiradora do Marcelo Mendes compositor. E você me disse uma vez que tem mais de 60 músicas feitas. Pra você é fácil compor?

Marcelo - Acho que seria arrogante falar que é fácil, sabe? Não acho que esse seja o caso. Não é fácil e nem quer dizer que todas as músicas são boas, sabe? É só uma coisa que gosto de fazer e acho que é por isso que fiz tantas. Por falar nisso, putz, nem sei quantas músicas já fiz, pra falar a verdade. Perdi muita coisa por não ter registrado, e tem muitas outras espalhadas por aí. Registradas, eu nem imagino quantas sejam, porque tem coisa minha que não foi creditada, tipo músicas que fiz pro Fliperama Morfonauta e até pro Super Stereo Surf, e muita gravação que perdemos, por falta de cuidado, sabe? De vez em quando, alguém acha uma gravação perdida e é uma alegria. Qualquer dia, faremos um Anthology do Superego Elvis. Além disso, tem as parcerias, que são as melhores coisas pra mim, são os momentos nos quais mais aprendo alguma coisa. E é legal sacar os vários processos criativos e participar disso. Isso te dá material pra tentar pensar diferente, achar soluções diferentes pra diferentes partes da música. Entre os parceiros, cito o Macarrão, do Fliperama Morfonauta (agora ele tá no Gran Turismo, eu acho), o Fred Biehl, que saca muito de música (a gente fez umas 30 músicas em, sei lá,

dois meses de inspiração - nada disso foi gravado!) e o Demétrio Panarotto, do Repolho, com quem fiz poucas, mas boas músicas. No disco, eu quis fazer algo mais autoral, então, nove são minhas (duas em parceria com o Demétrio), uma é do Demétrio Panarotto e outra do Leandro Blessmann. Além dessas, que estão no disco, já tenho quase outro disco pronto... e um repertório diferente pra shows. É música pra caralho!

Elebu - E falando das músicas do disco, boa parte delas é irônica. Você tira sarro de um monte de coisas, da juventude, de certos padrões.

Marcelo - Acho que o sarro está nas coisas, na maneira quadrada que as pessoas as vêem. O que pode ser engraçado nas músicas do disco é simplesmente falar fora desse esquema repetitivo, é destoar do senso comum. O que quero dizer é que esse aparente senso de humor, que há quem diga ser non sense, é um lance que tem lá sua força, porque ao mesmo tempo que abre a possibilidade de um sorriso, que te desarma, te faz pensar. Espero! Claro, não dá pra prever as reações, mas acho que mais do que tirar um sarro é pensar: porra, o que é isso que está todo mundo dizendo, saca? Vamos falar de outra coisa, fazer (um pouquinho, muito pouco, modestamente) diferente. Nada de correção política, de bom mocismo, essas coisas chatas, por exemplo. Mas de onde vem isso? Ah, não sei: acho que tem muito da fase que estava passando quando escrevi a maioria das músicas, não de forma pessoal, auto-biográfica, mas das informações que estava adquirindo, as coisas que estava lendo, os conceitos que estava reavaliando. Acho que tem momentos de catarse, de tocar o foda-se, de falta de compromisso mesmo, e de tentar deixar pra trás uma fase que estava demorando pra passar. Tem ainda a influência do cinema, a forte influência do Erasmão, o rompimento com a linearidade, as combinações aleatórias de imagens como em *Réquiem para Videomaker e Tatu.* Por outro lado tem a coisa mais literal, menos poética, mais Odair José como em *Um homem, Uma Mulher*. Enfim, um lado mais racional. Vou entregar o jogo: *Por uma canção menor* faz uma citação quase literal ao livro *Kafka: Por uma literatura Menor*, do Deleuze e do Guatarri, filósofo e psiquiatra franceses - daí a idéia de ser estrangeiro em seu próprio país. Então, pra resumir, e pra dizer de onde essas coisas vêm, é tudo um misto de revoltinha adulta (ou pós adolescente) e filosofia barata!

Elebu - Outra coisa interessante são as referências que você coloca em suas músicas. Noutro dia, por exemplo, você disse que *27 Anos de Uma Vida Besta*, é uma referência a uma música do Marcos Valle. Como foi essa história?

Marcelo - Bem, tem um disco que é fundamental, que descobri em 2004, que se chama *Carlos, Erasmo*, o qual ouvi com muita atenção e que traz a tal música do Marcos Valle, que chama *26 Anos de Vida Normal*. E eu lá com meus 27 anos de uma vida besta, ouvindo aquilo e me identificando com aquele sentimento, resolvi fazer uma música datada mesmo, falando de um momento específico, mesmo sabendo que a coisa ficaria velha no dia seguinte. Porque gostei mesmo disso, de ouvir o Erasmo cantando sobre seus 26 anos e de como aquilo ficou marcado ali, sabe? Tipo uma música que não pode, sequer, pelo menos não de maneira honesta, ser incluída no show do cara, sabe? Eu mesmo não toco mais *27 anos* nos shows, porque é uma marca, uma coisas que passou - e isso é que é legal, eu acho. Esse disco do Erasmo, pra voltar ao assunto, traz outras coisas que me influenciaram, como essa certa maturidade pra falar de sexo, com *De Noite Na Cama*, o dueto mezzo brega, mezzo cabeça de *Masculio, Feminino*, a melodia foda de *Dois Animais na Selva Suja da Rua*, a metalinguagem de *Em Busca das Canções Perdidas*, etc. Então, esse disco é meio uma chave pra sacar algumas coisas do CD. Entre essas outras coisas, pra mim, tem a redescoberta da Cely Campelo, do Leno, que é uma influência melódica e vocal, apesar das minhas restrições, e da Wanderléia; tem a saturação de Girls Groups com o the best of The Shangri-Las tocando sem parar (umas coisas mais nessa onda ficaram de fora, infelizmente), Chanson Française e Seus Teclados (Gaisbourg e Jane Birkin)... Tudo isso são referências. Pra não dizer que me alimentei só do passado, tenho que citar o Neoangin como referência paras músicas, no clima, no humor e em certa alegria que eu acho que o som dele tem, e o Jens Lekman, que é uma beleza.

one

porãoweb.com.br

Retrospectiva ou perspectiva?

Fotos e comentários: Washington Ribeiro (wr/bk)

Na minha retrospectiva 2006 vou destacar meu final de semana de fã. Isto mesmo... Fã de ficar ligando sem parar até conseguir comprar os ingressos para a segunda apresentação da banda irlandesa, U2, em São Paulo. Depois conseguir passagens, hotel e dispensa do trabalho para assistir ao show. Até ficar na porta do hotel rolou... acredite se quiser!!!

A saga continuou no local do show com uma espera de mais de 5 horas. O bacana foi o show de brinde do Fran Ferdinand... muito bom!!!

É claro que a única coisa que conseguimos ver foi o carro da banda passando. Valeu pelas amizades e a bagunça!!!

O Show? É impossível descrever!!
A persperctiva? Coexista...

COEXIST

Some graphitti was written up on a wall not too far from here
It says coexist
Jesus, Jew, Mohammed, it's true
Jesus, Jew, Mohammed, it's true
All sons of Abraham
Father Abraham, Father Abraham
Where are you now
Father Abraham, look what you've done
You've pitted your son against your son
Father, Father Abraham
No more, no more, no more
No more, no more, no more
No more, no more, no more
No more, no more

"Father Abraham, speak to your sons. Tell them, No more violence, no more fighting, no more bombs, and then leads the crowd in a chant of No More! No More!"

MARCELO MENDES & OS BACANAS - ***Mendes, Marcelo***

Não espere ouvir de Marcelo Mendes falsas modéstias, mentiras brancas e o politicamente correto. Essas hipocrisias passam longe na obra desse jornalista, professor e compositor brasiliense. Sempre foi assim nas bandas em que passou e assim permanece no seu projeto "solo" *Mendes, Marcelo*. O nome é uma referência ao disco do *Carlos, Erasmo*, grande fonte de inspiração para esse trabalho que mostra a maturidade e a segurança de um compositor que já não é mais tão jovem assim. São doze faixas (sendo que a última é uma releitura da canção *A Juventude*), onde reina a metalinguagem, certas verdades ácidas, algum mal-humor, non-sense, e um pouco do romantismo salutar fundamental em qualquer disco decente. Embalado num ritmo predominantemente iê-iê-iê, mas com algumas ousadias, Marcelo e seus amigos, os Bacanas, vão disparando coisas como: "ser jovem é uma merda, todo mundo sabe" (*A Juventude*), "eu não quero nem saber da sua condição, eu quero mais é que se foda se você gostou ou não" (*O Modernismo*), e ainda "meu amigo, se você estiver pensando em se matar, dê uma ligada porque temos que marcar aquele chopp que você falou um dia e, se eu bem me lembro, disse que ia pagar" (*Luiz Henrique*). Há ainda espaço para ser emblemático ao melhor estilo Belchior ao dizer que quer "ser um estrangeiro em meu próprio, eu vou procurar meu próprio terceiro mundo" (*Por Uma Canção Menor*). O disco corre fácil, apesar da voz fraquinha de Marcelo, que você acaba se acostumando, e de certas passagens ruidosas (provável consequencia da contribuição de Marcelo Birck). Talvez seja por isso que *Mendes, Marcelo* não seja uma obra grudenta, no sentido mais pop da palavra. E por isso mesmo vale a sua atenção porque ali podem haver ironias, mas nunca tolices gratuitas. Você vai encontrar pequenas verdades que, com certeza, vai se identificar.

CORDEL DO FOGO ENCANTADO - ***Transfiguração***

Música nem sempre é arte. Na grande maioria dos casos ela é só um entretenimento que às vezes muda a vida de alguém. Mas há momentos que você se depara com algo tão poderoso desse meio que precisa dizer: "isso é pura arte". É o caso de *Tranfiguração*, do Cordel do Fogo Encantado. O primeiro disco desse grupo do interior pernambucano entrou para a história brasileira como uma das obras mais relevantes do novo século. Eu achava que seria difícil fazer algo tão bom quanto. O segundo trabalho do Cordel foi algo classificável apenas como razoável, e ainda teve o da MTV que foi bonzinho e só. E eis que em 2006 aparece *Transfiguração*, um disco que foi esquecido pela maioria dos críticos desses grandes jornais (que adoram coisas hype) naquelas listas dos melhores do ano. Eu vejo esse trabalho como o similar fonográfico dos clássicos *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral, que são uma das obras mais lindas da nossa cultura. *Transfiguração*, começa delicado e poético com "Aqui (Memórias do Cárcere)". Seria uma referência ao livro? "Vou pregar na parede um pedaço de céu que você me mandou". Aos poucos o disco vai ganhando em força e expressão com a percussão mais pesada, mas sem nunca perder a melodia doce (e emocionante) garantida pelo violão de Clayton Barros. A faixa título pede ação. "Não fique aí enterrada, vem para a rua". O disco segue carregado em sinestesia ao falar do sertão, de imigrantes, de desigualdades sociais, da vida e da morte. "E o tempo faz estradas para se chegar ao fim", diz o verso da última canção. O Cordel do Fogo Encantado foi em *Transfiguração* a banda mais moderna e transgressora do país. Sim, a nossa tradição e os elementos regionais quando bem usados, são armas poderosas que atingem o ouvinte sem dó ou piedade. O que fazer após se deparar com algo assim?

THE SOLIDS

LA OREJA DE VAN GOGH - ***Guapa***

A The Solids é uma banda dessas de ocasião, onde os integrantes se reúnem algumas vezes por ano para gravar uma música ou fazer um show. É formada pelos produtores de TV Carter Bays e Greig Thomas, além de C.C.DePhil e Patrick Butler. The Solids é da Califórnia e existe desde 1996. Os músicos são especialistas em fazer aberturas de seriados e músicas para filmes. Essas e mais as canções esporádicas dariam um belo disco (nunca lançaram um oficial). A mais bacana é *Hey Beautiful*, que virou vinheta para a abertura do seriado How I Met Your Mother. É uma daquelas músicas chicletes que você se apaixona logo na primeira audição e fica com vontade de montar uma banda só para tocá-la. Uma coisa legal de *Hey Beautiful* é que seu ponto alto (os mais chicletes) acontece nos segundos finais. Dá para ficar cantarolando o dia inteiro. Outras canções de destaque são *Clowns Like Candy* e *You Don't Know What You Begun*, ambas baladas da melhor qualidade. Para pegar as músicas, vá a página oficial www.thesolids.com. Vale a pena!

Tem muitas bandas hispânicas que são sensacionais. Fazem coisas que por vezes superam em muitos aspectos a nossa música nacional. Mas quando essa gente cai no lugar comum, é um desastre. Disseram para eu ouvir *La Oreja de Van Gogh*, que é uma banda de sucesso na Espanha. O nome é o máximo, o trabalho visual é excelente, mas a música... O disco *Guapa* é como se fosse o RBD mais ajeitado com a voz da Wanessa Camargo misturada com da vocalista do Kalipso (desculpe, eu não sei o nome dela). Até consigo vislumbrar essas duas fazendo versões em português ainda mais sofríveis da La Oreja de Van Gogh. Mas é tão ruim assim? É! Quando se acha que o disco vai melhorar, ele fica pior. Quem deverá gostar dele é o pessoal que se amarra em desenho japonês. O som desses espanhóis é igualzinho àquelas músicas de abertura dos animês.

JOANNA NEWSOM - ***Ys***

ARNALDO ANTUNES - ***Qualquer***

Ainda vai levar um tempinho até que alguém possa fazer um comentário seguro a respeito do trabalho da jovem Joanna Newsom. A californiana lançou em novembro passado o disco *Ys*, que foi destacado pela crítica internacional. Alguns classificam o trabalho dela como um moderno folk com harpa e elementos indies. Sinceramente, só posso dizer que é uma das coisas mais diferentes que já ouvi. *Ys* é daqueles discos que intimidam na primeira olhada, ainda mais quando nos damos conta que são apenas cinco gigantescas canções. O jeito de cantar de Joanna é muito próprio, onde você enumera poucas referências, e o timbre da voz não tem muitos precedentes: não é nada bonita, mas dá para gostar. Já a música em si te traz um dilema. Não é empolgante, nem reconfortante ou relaxante. Ela vai passando sem você saber se gostou mesmo daquilo. É por essas que só consigo pensar em dois adjetivos para o trabalho de Joanna: intrigante e interessante. Esse é o mal de quem traz algo realmente novo para a música.

O amigo e parceiro de composições da Marisa Monte deve ter gostado dessa moda lançada pela cantora de fazer discos suaves, com arranjos delicados. Arnaldo Antunes esqueceu a bateria, e abraçou os instrumentos de corda auxiliados por algum sintetizador para ao gravar *Qualquer*. São 14 faixas, sendo que algumas são releituras, da mais perfeita calmaria, onde Arnaldo praticamente sussurra canções que são pequenas poesias. Isso é bom, não é mesmo? Em parte. O problema é que toda essa delicadeza unida com a voz grave de Arnaldo, vira sonífero. É impossível ouvir o disco inteiro sem bocejar, sem os olhos pesarem e não pensar na própria cama. Mas há estratégias para driblar o efeito calmante: escute *Qualquer* em doses homeopáticas. Assim é possível apreciar melhor algumas belezas que esse disco traz como *Contato Imediato*, *Pra lá* e a releitura de *Eu Não Sou da Sua Rua* (não supera a da Marisa, mas é muito boa também).

o colunista da edição: felipe gurgel

A INTERNET NÃO INVENTOU A RODA DO SUCESSO

O ano de 2006 terminou e, com ele, o papo (e a constatação) que a indústria fonográfica anda decadente continua em voga. Com toda a força. Qualquer artista minimamente organizado dispõe sua música no Trama Virtual, My Space. Faz a onda dos fotologs e outras mídias afins para mostrar a cara. Toda a movimentação é uma benção para o circuito da música independente. Embora não garanta a "certeza" de uma projeção maior. Afinal, sorte e talento, a Internet ainda não desenrola assim tão fácil...

A revolução pela qual essas mídias atuam é real. E vem rápida. Mas, aqui e acolá, você encontra textos e opiniões a toda a sorte sobre uma perspectiva exageradamente apaixonada dessa mudança. Como se o músico independente estivesse com a faca e o queijo na mão para divulgar seu trabalho em largo alcance, mas faltasse a consciência exata do que a ferramenta virtual pode fazer por ele. Não é bem assim. A Internet não "inventou a roda" do sucesso fácil ou de uma escala simples para o sucesso padrão.

Assim como se apresenta feito uma vitrine legítima, a Internet gera acomodação. Resultado: há quem deixe de conquistar novos compromissos de carreira por conta de uma preguiça virtual absurda. Falta público nos shows das bandas menores. Por que? Por que as bandas são ruins mesmo ou o povo é deslumbrado com aquilo que é célebre? O buraco é mais embaixo.

Às vezes falta a mínima divulgação através de cartazes, flyers - já há algo de arcaico nisso? - ou de uma corrida atrás da mídia convencional que, acompanhando ou não essas revoluções, ainda tem seu valor como ferramenta noticiosa. Enquanto os fotologs, o orkut ou mesmo blogs estão recheados de informações sobre os eventos, a produção esquece da vida real... Ou ao menos de tentar fazer a ponte.

Vejo nas "cabeças" de muitas bandas novas a visão que a Internet facilita. E pronto. Espera-se o resultado. Quando este não vem, então sobra o discurso do reclamismo, da formação de panelas - como se fosse inadmissível reunir pessoas que tenham afinidades e acreditam no mesmo trabalho. A coisa funciona como então? Se a panela da qual faz parte é competente, vá atrás de esquentá-la! Ainda mais quando você já tem experiência para o metiê. Melhor ainda.

Enfim, ainda é comum a turma se deslumbrar com o número de "fãs" da comunidade da sua banda no orkut. Esqueceram que são gente e lidam com gente do outro lado. Entregar o CD na mão das pessoas que irão ajudar - digo "ajudar", e não colocá-lo no colo e fazer cafuné - sua música a circular, conversar, realizar o corpo a corpo com o público ainda é fundamental. No dia que existir uma "fórmula" que possa projetar qualquer coisa que surja na Internet, é só pensar que, se você conta uma família numerosa online, vai longe... Crê nisso?

Por enquanto, a Internet é complementar. E deve ser assim ainda logo. Falta às novas gerações absorverem a realidade e colocarem o pé no asfalto atrás de divulgar sua banda. No Brasil, a escrotice da hegemonia dificulta o caminho por todas as áreas. Na música não seria diferente. E o que a Internet provoca, vez por outra, é a fantasia de que não seja bem assim.

Felipe Gurgel, 23, é jornalista musical, baixista do Café Colômbia (CE) e colaborador de publicações afeitas à cultura marginal, como este fanzine eletrônico bacana e o site Overmundo

COMPLEXO DE DORY

Pense rápido e responda em quem votou nas eleições de outubro. Isso mesmo, passados apenas três meses do pleito, aposto que tem muita gente que já esqueceu em quem votou para deputado. Poderia continuar este artigo, como tantos outros já fizeram, condenando a memória de peixe do brasileiro, culpando os próprios políticos por causar desilusão em seu eleitorado depois dos escândalos de corrupção, criticando os partidos políticos por suas atuações meramente eleitoreiras e todas essas teorias que todos já sabem de cor. Mas o fato é que esquecemos e ninguém está a salvo desse lapso da democracia. Em um esforço de cidadania vou tentar refrescar sua memória enquanto ainda é tempo e mostrar como podemos acompanhar o trabalho dos nossos eleitos, afinal de contas, como dizia a campanha das eleições 2006 do TSE: "você é o patrão"

A primeira coisa é lembrar a quem demos nosso voto de confiança. Os eleitos para os cargos majoritários de presidente da República e governador devem estar na ponta da língua. Se não, o problema é mais grave do que eu pensava. Mas nesse caso nosso ilustríssimo presidente reeleito, Luis Inácio Lula da Silva, e os respectivos governadores de cada Estado vão trabalhar por nós de qualquer jeito. É isso que espero. O contato com os agentes do executivo é mais difícil e cabe a você procurar interlocução nas secretarias e ministérios para ser atendido. Mas se também quiser mandar uma carta para o Lula o endereço se encontra no final desta página. Se você não é personagem de nenhuma minissérie da Globo, como os garotos da ótima *Cidade dos Homens*, acho muito difícil marcar uma reunião com o presidente. A melhor forma de um grupo de pressão ter atendida a sua demanda é se tornar visível, formular sua proposta e entregar as secretarias e ministérios. E quem sabe o deputado que você votou não foi designado para assumir uma função administrativa e você passa a ter um canal mais direto com o governo. Mais uma vez esta ai a importância de saber em todos que votamos.

Teoricamente a função dos deputados seria a de representar o povo nas câmaras e assembléias legislativas. Como sabemos, isso nem sempre acontece por diversos motivos e o desgaste do Legislativo é evidente nos dias de hoje. Enquanto a revolução não chega, vivemos em um país democrático e bem ou mal precisamos fazer a nossa parte nesse sistema. É preciso lembrar que o ato de votar é apenas a parte mais simples do processo e a verdadeira atitude política é exercida no dia a dia através do acompanhamento dos trabalho daqueles que designamos para nos representar.

Para este texto não ganhar um ar institucional e para eu não ser acusado de estar fazendo campanha para o TSE, não vou listar o que você pode e deve fazer para acompanhar os trabalhos dos deputados. Vamos direto ao assunto então.

Sugiro a todos anotarem os nomes de seus candidatos em um papel para não ser traídos pela memória mais tarde com os respectivos endereços de correspondência, e-mail e telefones. Essas informações são facilmente encontradas nos sites da Câmara e do Senado e das assembléias legislativas. Depois envie uma mensagem para o seu deputado dizendo que vai acompanhar o trabalho dele de perto e quer uma prestação de contas no final de cada ano. Acredite, isso dá certo. Eu mesmo já enviei um e-mail para o meu candidato das eleições passadas e ele respondeu prontamente e sempre me mandava o resultado dos seus trabalhos.

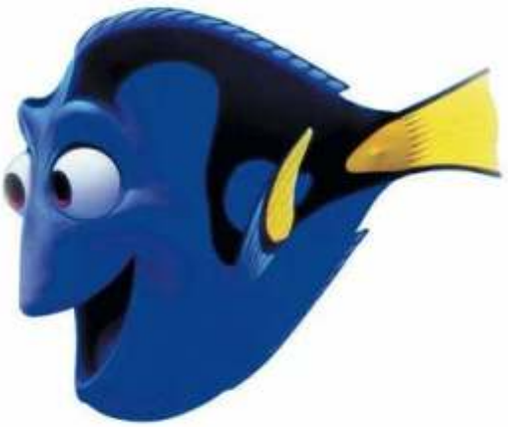
Enquanto não se aprova o instrumento do "recall" por aqui, que é usado em alguns países como nos Estados Unidos, onde o eleitor pode revogar o mandato do seu deputado caso não esteja satisfeito, vamos mostrar a eles que estamos de olho em tudo que fazem e tentar reverter essa endemia da democracia brasileira que apelidei de complexo de Dory. Para quem não assistiu o filme de animação da Disney, *Procurando Nemo*, Dory é um peixinho atrapalhada que ajuda a procurar Nemo, mas causa uma tremenda confusão pois sofre de um problema que a faz esquecer de tudo segundos depois de receber uma informação.

Vou sempre terminar essa coluna com uma máxima da Ciência Política que diz: "A pior coisa para aqueles que afirmam não gostar de política é que serão comandados pelos que gostam".

Presidência da República Federativa do Brasil
Palácio do Planalto
Praça dos 3 Poderes
Brasília - DF / 70150-900

www.camara.gov.br

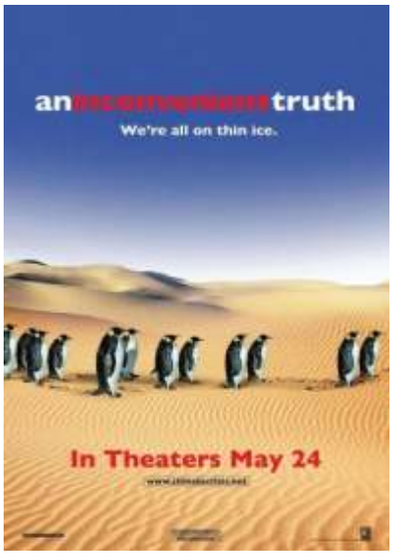
Www.senado.gov.br



Brunno SV é vocalista da banda Sub-Versão e estudante de Ciência Política

ESQUENTOU DE VEZ!

Dois são os assuntos mais discutidos na atualidade: guerra e aquecimento global. O primeiro nunca saiu das páginas dos jornais, já o segundo só começou a ser levado a sério pela população em geral a partir do ano passado. Nessas últimas semanas assisti dois filmes que são uma perfeita síntese de tudo que é dito nos noticiários e discutido nos fóruns virtuais. Acho que eles, de certa forma, se tornam obrigatórios para o esclarecimento e ilustração de alguns pontos sobre esses tópicos.



O primeiro é o documentário *Uma Verdade Inconveniente* (An Inconvenient Truth, USA - 2006), dirigido por Davis Guggenheim e estrelado por Al Gore. Apenas para refrescar a memória, Al Gore foi o concorrente de George Bush na sucessão Bill Clinton à presidência dos Estados Unidos. Ele foi derrotado por uma diferença mínima de votos numa eleição que muitos desconfiam ter sido fraudulenta (e isso porque é uma "democracia").

Durante toda a sua vida política, Al Gore se dedicou às questões ambientais. Ele foi um congressista que alertava para o aquecimento global desde a década de 70. Nunca foi evado à sério por seus colegas. Depois da derrota para George Bush, o ex-senador saiu da vida política e hoje se dedica a fazer palestras sobre os riscos do aquecimento global. Essa é a sua idéia fixa: quer tentar salvar o mundo com o ato de educar as pessoas e alertá-las que é preciso ter uma mudança de pensamento a respeito do meio-ambiente.

O documentário é basicamente a palestra que ele ministra ao redor do mundo, alternada por algumas revelações de sua vida pessoal que o levou a essa luta. O bacana desse documentário é a sua didática. Ele consegue explicar um assunto complexo de forma simples e não-cansativa. No final, é claro, ainda leva o espectador a sentir um pouco de culpa por não fazer nada para mudar a situação. Tudo bem que isso é o resultado de uma manipulação de sentimentos para fazer crer que você é uma toupeira. Mas é aquela história: tem gente que só começa a agir se levar um "sacode". E nesse caso, a ação é questão de sobrevivência.

Sobre o outro assunto, as guerras, o que as alimenta são ideologias furadas, sede de poder de alguns, dinheiro e armas. O assunto é complexo e cheio de detalhes interessantes. *O Senhor das Armas* (Lord of War, EUA 2005) é ótimo para entender um desses "detalhes", que é a relação do comércio ilegal de armas com as inúmeras guerras civis. O filme é um drama inspirado na vida de dois grandes traficantes de armas que foram encarnados de forma brilhante por Nicolas Cage. Yuri Olov (Cage) é um croata cuja família migrou para os Estados Unidos por questões de ordem política. Ele e o irmão mais novo, Vitaly Orlov (Jered Leto), começam a traficar arma no final dos anos 70 e tornam-se bem sucedidos. Yuri sabe que o seu comércio escorre sangue. Que a verdadeira arma de destruição em massa não é uma bomba atômica, mas sim a pistola automática que ele vende. Ele deixa claro que nesse negócio não há espaço para ética ou culpa. Se um traficante entrar em conflito com ele mesmo, estará perdido.

O filme é fantástico ao mostrar algumas das estratégias que os traficantes usam para abastecer seus "mercados". Os alvos preferenciais de Yuri, por exemplo, eram as guerras civis, em especial na África. As redes de informação, de corrupção e o dinheiro que circula é gigantesco. Não é por menos que o comércio de armas é o mais rentável do mundo e por isso mesmo ele nunca será anulado. Imagine só: os cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU são os cinco maiores produtores de armas.

Cenas de O Senhor das Armas

POESIAS EM PDF

Se a internet tornou-se um reduto importante para os músicos, agora é a vez dos escritores independentes usarem o meio para lançar suas obras. Cada vez mais é possível encontrar livros em PDF disponíveis para download em blogs ou em sites especializados. Foi dessa forma que o jovem poeta José Anezio Fernandes do Vale lançou o livro *Depois da Chuva* no mês passado. São mais de 70 poesias espalhadas ao longo de quase 140 páginas. O que é interessante no trabalho de José Anezio é a forte influência da cultura pop. Há poemas que trazem referências e citações de músicas, cinema e TV, além de outros escritores. Nas considerações finais, o autor reconhece ter sido influenciado por gente como Beatles, Mutantes, Caetano Veloso e Cyndi Lauper. O nome é o título de uma música do Karnak do disco *Estamos Adorando Tókio* e a foto da capa é de Ricardo Koctus. Para adquirir o seu exemplar eletrônico, acesse o endereço http://manguerestinga.blogspot.com.

De Elefante

Meu coração sente falta de mim...
Eu fiquei num passado...
Porque será?
Às vezes um passado próximo,
Às vezes um distante,
Mas enfim,
Sempre lá...
Porque eu sinto falta do que passou?
A canção que me remete
Ao dia em que a ouvi
Pela primeira vez...
O livro que descreve
Sentimentos semelhantes
Aos meus amores precoces...
Os amigos valiosos
Que eu já não encontro mais...
A escola do meu pré,
A do meu ensino médio...
As praias de Porto Seguro,
O primeiro vinho do Porto...
O show do Hermeto Pascoal,
Os chorinhos de madrugada...
Chorar na sala de cinema,
Os presentes da minha infância,
Quando o natal era bonito
(Ou meus olhos, mais bondosos)...
O primeiro verso de Leminski,
A primeira tirinha do Quino,
A época em que eu achava
O Paulo Coelho um gênio...
Ou Isto ou Aquilo
E a primeira Meirelles,
Os primeiros sons do Ednardo
("Os olhos grandes da menina")...
O primeiro violão...
A primeira carta de amor...
O primeiro beijo no pescoço...
A primeira montanha russa
(Me machuquei de sangrar,
Mas o frio na barriga valeu)...
Malditas/Benditas lembranças,
Que não cabem em um poema...

José Anezio Fernandes do Vale

REPRODUZIR-SE

REPRODUZIR-SE
REPRODUZIR-SE

Chamavam a Dra. Naraline, aquela famosa geneticista, de "extremamente egocêntrica", rótulo que ela sempre negou. Vivia sozinha e era um fracasso em assuntos amorosos. Ano passado, a solidão já lhe ameaçava a sanidade. Cedeu à tentação: fez um clone de si mesma, porém, em versão masculina. Com um processo por ela inventado, tornou-o de feto a adulto em poucos dias (e memórias artificiais implantadas deram aquele belo moço um mínimo de entendimento sobre o mundo e as pessoas). Por ele a cientista se apaixonou. Casaram-se em novembro. Naraline, agora no quarto mês de gestação, vive feliz com o marido, a quem considera a pessoa mais maravilhosa do mundo.

Rita Maria Félix

Rita Maria Félix
Rita Maria Félix
Rita Maria Félix

RESPEITO

não invada o meu país
ele possui fronteiras
e protejo cada espaço.
se vc quiser entrar
peça pelo menos licença.
não precisamos falar a mesma língua
pra que cada um saiba o seu lugar.
quem sabe nasça uma amizade linda
desde que você saiba se expressar.
não lhe pedi favores, flores, ou vista pro mar
se o meu país tem tudo
não vou querer me mudar.
posso lhe dar uma permissão de visita
talvez um café, um blá,blá, blá
mas não tente invadir meu território
pois você pode se machucar.
respeite as regras
respeite os limites
respeite o meu lugar.
não tente achar que um convite
possa lhe dar liberdade de querer me mudar.
não sou difícil mas amo cada pedaço
desse continente que me faz gente e me faz ter orgulho de ainda sonhar.
respeite, respeita a vida
a minha vida, a sua vida.
temos valores diferentes
somos pessoas de histórias diferentes
mas podemos conviver bem nessa doidera que é a vida se respeitármos o espaço, o sonho, o desejo de cada um.

Gizza Machado

VIVA O ANO NOVO!

Georgiana Calimeris

2007. Ano-novo. Fogos de artifício. Celular é praticamente um lap top em miniatura. Acessa messenger, e-mail e tira foto. Houve muitas descobertas novas no ano de 2006 e outras tantas promessas para o ano de 2007. Nossa! No ano passado teve até um transplante facial, uma cirurgia que foi julgada impossível, mas imaginada em um filme com John Travolta e Nicolas Cage (não me lembro o nome). Uma mulher teve ambas as mãos transplantadas quase 20 anos depois de tê-las perdido. A tecnologia evolui. A medicina evolui. Mas, será que tudo evolui mesmo?

É interessante notar que apenas alguns métodos da área médicas avançaram. A mulher ainda tem um extremo desconforto ao ir ao ginecologista que, por melhor que médico seja e os profissionais que me perdoem, fazem-nas ficar com as pernas abertas para cima, têm um objeto frio e metálico enfiado "lá" para coleta de material para o exame "papanicolau". Depois ou antes, o médico delicadamente apalpa as mamas da paciente em busca de caroços (sim, eu sei que é importante). Ainda depois da coleta, o/a doutor/a coloca alguns dedinhos dentro das entranhas femininas em busca de alguma coisa que esteja diferente em tamanho e forma no útero. A medicina evoluiu, mas as mulheres ainda têm que ficar de pernas ao léu para saber se tudo vai bem na área do prazer?

Penso se não haveria algum modo mais tecnológico de se fazer coleta de material para exame ao invés do famoso "bico de pato". Anatômico, sim. Confortável? De forma alguma. Não sei se existe alguma mulher que tenha algum tipo de desejo ou tara por tal objeto ou por ginecologistas (de qualquer sexo), mas, nossa, tem que ser uma daquelas taras! Sinceramente, ter um objeto de metal abrindo as entranhas para ser futucada no fundo do ser é algo um tanto quanto desgastante. Não sei como é para você. Talvez uma experiência única e divina! Neste mundo tem gosto para tudo.

É preciso mesmo tudo isso para saber que há algo errado dentro de nós? Não haveria alguma chance de alguém inventar um modo menos invasivo e agressivo? Ali é uma área delicada e há uma grande chance das meninas se sentirem vulneráveis enquanto são examinadas. Tudo bem, os meninos podem alegar que exame retal a partir de uma determinada idade não é exatamente um passeio no paraíso e há muitas piadas a respeito. No entanto, muito se evoluiu em relação aos meninos e seus exames. Enquanto as meninas têm que ser apalpadas, cutucadas, examinadas em uma área que deveria ser reservada com exclusividade apenas a quem elas desejassem que vissem.

A boa notícia e a única, talvez, é que as meninas devem consultar ginecologistas uma vez por ano e mais quando estão um pouco mais velhas. Abençoados os médicos que fazem isso tudo com a rapidez do Super-Homem. Nestas horas, não nos importaremos se for uma rapidinha e, *pelamordedeus*, que seja mais do que rapidinha: ultra rapidinha!

Desejo que em 2007, algum/a luminoso/a consiga imaginar uma forma de examinar as mulheres de uma forma menos desconfortável ou, ao menos, que aqueles que abraçaram a profissão de enfiar as mãos nas vaginas alheias sejam gentis o suficiente de fazerem rápido e indolor! A gente pode rezar por isso, né? Vamos esperar que 2007 traga alívio, prazer e, principalmente, novas e excelentes descobertas na área da ginecologia que, a propósito, vem do grego guineca (mulher) loguia (estudo). Sei que é cultura inútil, mas, fica aí mais uma informação para ser passada adiante e levada a sério. Afinal, merecemos que a tecnologia nos beneficie!

OS ARQUEÓLOGOS DO IMPOSSÍVEL

Esta é a alcunha pela qual são conhecidos Elijah Snow, Jakita Wagner e o Baterista, protagonistas da inteligente série em quadrinhos *Planetary*. De autoria do escritor Warren Ellis, que dispensa apresentações, e do artista John Cassaday (mais amplamente conhecido no Brasil por seu trabalho em *Surpreendentes X-Men*), a série em 26 capítulos pode ser encontrada em livrarias e comic shops na forma de luxuosos encadernados lançados pela Editora Devir. Numa impressionante mistura de elementos da cultura pop (com direito a citações de heróis pulp, monstros japoneses, filmes de pancadaria chineses,

ficção científica, quadrinhos, cinema e seriados de TV contemporâneos), Planetary consegue agradar o mais exigente dos leitores. Com sua trama elaborada que foge ao mero saudosismo das citações, transformando cada uma delas em algo totalmente novo e seus diálogos envolventes e por vezes repletos de sarcasmo, a série certamente é uma boa pedida pra quem procura algo diferente no universo das HQs. Apesar do preço salgado (em média R$ 40,00 cada encadernado) e de ainda estar incompleta no Brasil, vale a pena conferir esta obra que foi um marco nas carreiras de Ellis e Cassaday. (*Leonardo de Moura*)

BATMAN BEGINS - A LENDA COMEÇA

A lenda do homem morcego da DC Comics toma vida na adaptação feita pelo diretor Cristopher Nolan (Amnésia). Nesse filme, a roupa e a capa se tornam coisas verossímeis graças aos artefatos tecnológicos que ajudam Batman a ser o homem morcego com o traje protetor, que é feito com Kevlar - material usado em coletes à prova de bala.

A lenda começa quando o jovem atormentado e vingativo Bruce Wayne parte em busca de respostas para a morte de seus pais. No início do filme, Wayne se encontra em uma prisão asiática aprimorando suas técnicas de luta até que recebe uma oferta de uma irmandade chamada Ligas das Sombras, liderada por Ra's al Ghul. Lá, ele aprende a enfrentar a fobia que carrega na alma: os morcegos e acaba por tornar-se o que mais tempo.

É claro que *Batman Begins* é um filme de ação. No entanto, surpreende pela complexidade arquetípica do caminho do herói, definida por Campbell, que começa com uma busca, passa por difíceis provações até que o herói encontra a redenção. A história mostra todas as faces do herói e seus oponentes se aproximam de pessoas reais, que são ambiciosas e buscam apenas a satisfação do próprio ego. Não é exatamente um filme que fala da briga do bem contra o mal. Bruce Wayne defende os desprotegidos em nome de si próprio, que uma vez ficou desamparado por conta de um assaltante.

Os propósitos de causa e honra são bem definidos em todas as personagens com exceção da insossa mocinha interpretada por Katie Holmes, que, talvez, encontra-se no filme só para dar o ar do romance na película. O resto do elenco torna real os personagens ao longo dos 140 minutos. Liam Neesom aparece como primeiro mentor e ao longo da história demonstra que seus atos não são exatamente tão nobres quanto julgava Bruce Wayne. Michael Cane interpreta um Alfred paternal, mas não passivo, que é um conselheiro audaz e, no melhor estilo inglês, tem uma língua ferina. Morgan Freeman aparece como um dos guardiões dos segredos de Wayne na pele de Lucius Fox, um brilhante cientista deixado de lado pelos sócios das empresas Wayne e que prefere não saber sobre as aventuras do jovem. Gary Oldman está irreconhecível na pele do ético Capitão Gordom, um papel diverso do que costuma interpretar e que mostrou o domínio de sua arte.

O arqui-inimigo do Batman é o Espantalho, interpretado pelo aclamado Cillian Murphy. Ele também tem uma identidade secreta: psiquiatra de Arkham, que sempre consegue jurisdição sobre os bandidos de Gotham City. Ele enlouquece àqueles que poderiam atrapalhar os planos megalomaníacos dos mandantes mais poderosos de Gotham, levando-os a uma terrível morte.

Se as atuações não convencem, Batman Begins é digno de ser assistido devido a primorosa adaptação. Não é sobre um fantasioso Batman com super-poderes e músculos fortes, mas sobre um homem com os recursos certos e a disposição para trazer à tona esperança a uma cidade devastada pela completa corrupção (*Georgiana Calimeris*).

NOVOS AMIGOS

Quando o seriado *Friends* acabou, os produtores norte-americanos procuram evitar durante algum tempo fazer comédias de vinte minutos nos moldes do programa cult por receio de comparações e até pela rejeição. No ano passado apareceram algumas tentativas, porém todas fracassaram por alguma razão, menos uma: *How I Met Your Mother*, criado por Carter Bays e Greig Thomas. O seriado é desconhecido no Brasil porque passa na Fox Life, canal que muita gente até duvida existir. Em terras estadunidenses, no entanto, ele vai ao ar nas noites de segunda-feira pela CBS (a Rede Globo de lá) e tem uma audiência considerável, com média de 10,5 milhões de espectadores. O número é bom o suficiente para garantir a terceira temporada do show.

How I Met Your Mother (HIMYM) é sobre a vida de cinco amigos com vinte e tantos anos residentes de Nova York. Eles adoram sair juntos e boa parte da ação acontece dentro de um apartamento interessante. Já viu isso em algum lugar, não é mesmo? Assim como a história principal de Friends era o relacionamento cheio de idas e vindas de Ross e Rachel, HIMYM também tem o romance como fundo. Mas as semelhanças ficam por aí. A série é na verdade um grande flashback narrada pelo personagem "central" Ted, onde ele conta para os filhos Luke e Leia em 2030 como conheceu a mãe deles. É uma longa história que começou em 2005 quando os amigos Marshall e Lily ficaram noivos.

Ted, que é um sujeito sem-sal, decidiu que era o momento de esquecer a farra e procurar a mulher com quem passaria o resto de sua vida. O seu ideal de esposa perfeita é: ela precisa gostar de cães, beber whisky, e detestar azeitonas. Como num milagre, ele conhece Robin no bar em que freqüenta, uma mulher que se encaixa nos seus padrões. Ela é do tipo reservada e trabalha numa emissora de TV de quinta categoria, mas é uma moça simpática que logo se integra à turma. No primeiro episódio, Ted confessa que se apaixonou à primeira vista e eventualmente os dois acabam num relacionamento. O problema é que nesse mesmo episódio é revelado que ela não é a "mãe" da história. A partir daí cria-se a expectativa em saber quem é a moça em questão. Quem completa a turma é Barney, o amigo cínico e mulherengo que é o personagem mais forte do seriado. Os cinco são fofos e inteligentes, adoram cultura pop, não tem muitas neuras e vivem no bar. Esse detalhe, aliás, é intrigante. Em HIMYM o que mais se vê são copos e mais copos de cerveja, whisky, conhaque, vinho, gim, vodca e um monte de misturas malucas. É um mistério os personagens não ficarem bêbados. Parece até uma anti-propaganda do AA.

O show começou devagar na primeira temporada e demorou pelo menos a metade dela para encontrar o seu ritmo ideal. Embora o elenco tivesse química, as coisas pareciam desencontradas. Apenas Neil Patrick Harris (Barney) e Alyson Hannigan (Lily) tinham alguma expressão e cacoete para comédias ligeiras. Enquanto os dois se garantiam em cena, os outros três ficavam no meio da piada. Os produtores Bays e Thomas optaram então por cadenciar o humor. HIMYM virou uma autêntica comédia-romântica, mas só assim os atores se equilibraram. O riso não é tão frouxo, em compensação a história ficou mais forte.

Barney, Marshall, Lily, Robin e Ted são amigos que amam beber

Tão logo o seriado entrou nos eixos, ganhou atenção e simpatia da mídia e do público. As críticas que eram de desconfiança ficaram positivas. Na atual temporada o ritmo dos episódios pôde acelerar por conta da melhora dos atores e as histórias ficaram mais engraçadas. Não creio que HIMYM possa vir a ser um grande hit como o seu "antecessor", até porque a audiência é apenas a metade da que Friends tinha. Mas ele tem tudo para gozar uma vida longa. Nada mais relaxante na TV do que ver sem compromisso uma série cativante sobre gente bacana. E nunca é tarde para mencionar que a vinheta de abertura é uma das mais legais da atualidade. Ela foi extraída da música *Hey Beautiful*, da banda The Solids, que por um acaso é formada por Bays e Thomas (*ver a resenha na sessão de discos*).